

Rosa

Rosa procurou-me com a intenção de devolver vida ao próprio corpo. Sente estar sem lugar, apertada e triste. Seu encaminhamento não se restringe a um corpo físico que dói. Busca uma terapia na qual os corpos físico e emocional estejam incluídos.

Rosa tem um corpo fino, elástico, ágil, miúdo . Pescoço longo e cintura fina. Coluna retificada e peito empinado. Olhar atento, amorosa, receptiva e disponível para o atendimento. Em pé, mantém o peso centralizado nos pés. Chama a atenção a presença dos joelhos e do pescoço estendidos, bem como do peito endurecido.

Ela entra na sala um pouco antes de mim, senta-se no chão e me espera. Quando me sento diante dela, ela se queixa da difícil tarefa da comunicação no campo emocional e da sensação de estar sem lugar. Tem permanecido muito triste e com dificuldade de comunicar suas necessidades. Seu parceiro reclama que às vezes ela pede para ficar só e depois diz que ele não é companheiro.

Escuto-a e me oriento para uma experimentação. Aguardo uma brecha e interrompo a sua fala perguntando se podemos fazer uma experiência. Ela aceita e é orientada a realizar um movimento simples partindo de uma orientação simples. Ao fazer um exercício, a pessoa expressa, na forma particular de agir, uma afetividade escondida.

A orientação, apenas verbal, é para que fique em pé, dê um passo e pare; dê outro passo e pare – e assim sucessivamente. Trata-se de uma paciente que estabelece comigo uma relação bastante colaborativa. Arrisco-me no ambiente, confiando em sua participação e no encontro. Ela inicia o movimento enquanto observo e capto seus os gestos, expressões, olhares, a posição de seu corpo e de sua cabeça, bem como a relação entre tudo isso.

Procuro os aspectos subjetivos que se apresentam com o movimento proposto. Esses fatos marcam o movimento de forma única e, quando narrados, para a pessoa ou pela pessoa, geram um inevitável deslocamento e a possibilidade de apropriação e manejo por parte dela. Estamos reconhecendo como faz o que faz no macro em um gesto simples. Reconfirmamos os

aspectos singulares que acompanham aquela ação, buscamos a presença do sujeito individualizando seus gestos e movimentos.

Confio que vou captar essa presença e me nortear por essas respostas vivas que o sujeito-agente-sujeito expressa no ambiente, estabelecendo um canal de comunicação. Arrisco sair do controle do sabido e dou lugar ao não dito. Acompanho o sujeito e sou afetada por ele, garantindo um campo de transmissão de forças que favorece nossa comunicação.

Nesse momento, observo que ela anda com o corpo duro e reto, cabeça erguida e, às vezes, mostra uma dúvida, um corpo que parece não saber se o que faz corresponde à maneira como deve ser feito. Rosa caminha por um tempo e peço que pare. Narro as minhas impressões e faço perguntas sobre o vivido: Como foi? Ficou em dúvida sobre o que tinha de fazer?

Ela concorda com a minha percepção e acrescenta que não entende por que o certo permanece como necessidade de resposta; sente-se estranha e um pouco assustada com esse assunto. Questiono como percebi sua dúvida, e ela narra sua forma ao fazer o movimento: gestos incertos e meio desorientados. Além de pensar todo o tempo: “Será que é isso que devo fazer?”

Afirmo que fez o que pedi, restringindo-se minha orientação ao feito. De onde veio sua dúvida? Afinal, pedi um movimento simples. Nesse momento, testo os limites do nosso diálogo, para seguir/não seguir com as experiências. Seus modos de me acompanhar/não acompanhar indicam os cuidados que devo ter para manter a experimentação e as experiências em um nível funcional. Caso ela não me acompanhe, entendo estar estabelecido o limite para não prosseguir com a experiência. Minha pergunta diante do “estranho” pode surpreender, provocando o sujeito, que talvez responda com uma emoção: raiva, medo, tristeza, alegria, nojo. Contornarei tal expressão tentando torná-la consciente, dando uma borda para essa expressão de si.

Estamos reconhecendo e problematizando o seu como faz o que faz, suas marcas impressas na ação. Peço que repita o movimento após nossa conversa. Observo que agora este é mais livre e, apesar de um caminhar dançante, seu passo é equilibrado. Então aparece um sorriso: o movimento aparenta ter ficado mais gostoso e divertido; na sequência, Rosa abaixa a cabeça, como que acanhada.

Ao finalizar, dentro do espaço oferecido para o movimento, pergunto como foi, e ela afirma que se soltou um pouco. Pergunto: O que aparece? Peço para mostrar o que vi nos dois momentos e realizo os movimentos tentando repetir o que vi. Ela narra como se viu em mim: no primeiro momento, estava dura e titubeante, com certo medo de errar; no segundo, estava mais solta e apareceu a vergonha – ilustrada na cabeça e no olhar, que se dirigem

para baixo. Ao ver-me fazer o movimento, tendo-a como referência, faz todo sentido. Questiona-se sobre como isso aconteceu com ela. Por que se ocupar de fazer e estar sempre certa quando o pedido de movimento não incluía nada mais do que um passo e uma parada? E o acanhamento diante do diver-tido?

Em seguida, peço licença para andar junto com ela, colada atrás dela. Percebemos como tudo muda. Rosa experimenta um impacto em todo o corpo: ação, pensamento e sensação. Sinto e observo que sente dificuldade de se deslocar, tende a esperar por mim.

Depois, ela faz o mesmo comigo, e percebemos que foi mais fácil para ela me localizar e antecipar meus gestos. Está atenta ao outro e se organiza no sentido de acertar para o outro.

A cada mudança de posição e ação, vamos reconhecendo como fez o que fez, como sentiu o que fez, como fez com aquilo que sentiu.

Vou ampliando as experiências aos poucos e recebendo da própria pessoa o limite para continuar ou para graduar a intensidade da experimentação. A cada ação cabe uma fala que compartilha as captações, e Rosa colabora totalmente com seu processo, ajudando-me a gerar novas experiências para ela, ali juntas. Crio situações partindo dela própria.

Ao compartilhar que se movimenta melhor a partir do outro que a partir de si, sinto que aparece um susto, uma expressão de medo diante de uma situação sem saída, diante da conscientização de um comportamento. Pergunto como se sente e resolvo parar de experimentar e deixá-la se organizar com o que já tem. Sentamos no chão frente a frente.

Nesse caso, operar a forma passa pela fala compartilhada com base na experiência concreta. Não interpreto, apenas considero com ela a sua ação e, nesse momento, ela faz suas associações, alimentando-se da própria experiência. Tentamos localizar a ação e os vários corpos das ações. Vamos reconhecendo que corpo se relaciona melhor com que ação, com que ambiente e com que situação. Retomamos a conversa inicial e ela se orienta para novas possibilidades de ação e comportamento. A ideia é desmanchar o próprio modelo idealizado; assim, ela vai se acalmando e saindo do susto, da sensação de impotência diante da impossibilidade de escolher. Acompanho e confirmo o percurso. Finalizamos em pé.